



# EMANCIPAÇÃO FRENTE À CONTRADIÇÃO OPRESSOR E OPRIMIDO

## EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E MEMÓRIA

Ariovaldo Francisco da Silva<sup>1</sup>  
*ari@unis.edu.br*

Luzia Batista de Oliveira Silva<sup>2</sup>  
*ari@unis.edu.br*

### Introdução

Este trabalho objetiva ressaltar a importância do ser consciente e emancipado, que consegue conduzir sua existência de forma plena e sem amarras que, em alguns ou vários momentos, não possibilitam a leitura clara da própria realidade.

Como início de reflexão, trazemos o educador Vygotsky (1993) que nos aponta que a consciência é o estado supremo do homem e se faz a partir do envolvimento do sujeito com a realidade na qual está inserido. Portanto, para que haja esse envolvimento, parte-se do princípio da possibilidade que o sujeito tem de conduzir suas ideias e sua história.

Com a presença de Vygotsky (1993), ratificamos o objetivo geral deste trabalho que consiste em destacar o poder de se ter condições de optar por uma autonomia. Assim, julgamos que esse ato de autonomia possibilita que o sujeito identifique situações de opressão que o torna oprimido. O sujeito diante dessa visão tende a compreender como se dá essa passagem da situação de opressor e oprimido para a situação de emancipação e estará engajado para a realização dessa passagem.

Nesse processo de entendimento da realidade, a educação é um dos caminhos que favorecem o desenvolvimento da busca de libertação sem fazer o papel inverso, ou seja, o oprimido tendo ações opressoras, a partir de uma certa ascensão dentro do grupo social de origem.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia, Mestre em Letras e Doutorando do PPGE em Educação da Universidade São Francisco – USF – Campus Itatiba.

<sup>2</sup> Bacharela em Filosofia, Mestre em Filosofia, Doutorado em Educação e Pós-Doutorado em Antropologia. Professora do PPGE em Educação da Universidade São Francisco – USF – Campus Itatiba.



O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descobrem “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (FREIRE, 2014b, p. 40).

Essas afirmações até aqui apontadas completam os objetivos que, ao longo do trabalho, temos como proposta, serão alcançados. Mas é importante salientar que a partir de uma tomada de consciência da realidade através da educação, tende-se para a possibilidade de uma transformação social, organizada por uma pedagogia libertadora.

Neutra, “indiferente” a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. É um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como erro é tomá-la como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades [...] (FREIRE, 2011, p. 96-97).

Esse papel da educação como transformadora é visível no momento em que há uma possibilidade da construção de atos emancipatórios, entendidos como conscientização, passagem de uma minoridade<sup>3</sup>, para uma maioria e independência de ação. Na caracterização de independência da ação nos reportamos à Adorno (1995), quando aponta que o sentido único da educação está em ser uma autorreflexão crítica. Entendemos como autorreflexão crítica à possibilidade de avaliar as ações de forma dialógica<sup>4</sup>, uma das características marcantes na pedagogia de Freire (2014b), que sustenta a importância dessa categoria para que de fato se estabeleça uma educação crítica e reflexiva.

Nesse ato de “dialogicidade”, se dá a presença da palavra verdadeira que, segundo Freire (2014b), possibilita a condução para uma transformação de mundo e a presença da palavra inautêntica que perde seu elemento de ser reflexão e que, portanto, não tem força de transformação, pois cai dentro de um discurso vazio que não faz desta ação uma práxis.

É importante que salientemos neste momento o que tem nos conduzido para essa discussão, ou seja, o problema que desperta a inquietação e que iremos buscar uma resolução através deste breve trabalho. Queremos esclarecer o problema que consiste em indagar: qual a dificuldade de assumir plenamente as atitudes frente à realidade que clama por ser vivida? A princípio, dá-nos a impressão de que já temos uma resposta para o

<sup>3</sup> Iluminismo é a saída do homem da sua minoridade de que ele próprio é culpado. A minoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Resposta à pergunta: “O que é o iluminismo - Immanuel Kant. 1784. Trad.

<sup>4</sup> A dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade ( FREIRE, 2014b).



mesmo, mas pensando mais um pouco, vemos que essa dificuldade não é tão simples assim, pois necessita de alguns elementos que construirão essa liberdade.

Com esse problema sendo discutido, queremos chegar à hipótese de que é numa situação de emancipação que não é conclusiva, mas que está constantemente se elaborando; é o que possibilita uma maior interação e compartilhamento entre os sujeitos que estão atuando no mesmo território.

Para buscarmos entender melhor a necessidade dessa situação de emancipação, iremos abordar uma reflexão que nos dará subsídios para uma resposta do nosso problema e confirmação de nossa hipótese.

Iremos chamar essa abordagem de: As Situações existentes no Agir Social, onde estaremos abordando a contradição entre opressor e oprimido. Feita essa abordagem, fecharemos o trabalho apresentando os resultados alcançados e, talvez, as possíveis e futuras resoluções para esses impasses de realização da passagem para uma emancipação.

### **As Situações Existentes no Agir Social**

Vivemos em um contexto social em que predomina a interação entre os sujeitos que se apresentam em diversos grupos sociais e, nesses grupos como forma de pertencimento, adaptam-se às regras de conduta. Em relação a essas interações, elas se apresentam de diferentes formas, mas queremos apontar, a partir de Freire (2014b), a existência de três formas de estar no mundo: integração, adaptação e acomodação ou ajustamento.

Com auxílio de Freire (2014b), trazemos a definição desses momentos, segundo o autor, como possibilidades de estar e ser no mundo.

Próprio da esfera dos contatos, ou sintoma de desumanização, implica em que tanto a visão de si mesmo como a do mundo não podem absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser desgarrado e suspenso ou levando-o a julgar o seu mundo algo sobre que apenas se acha. A sua integração o enraíza. Faz dele, na feliz expressão de Marcel, um ser “situado e datado”. Daí que a massificação implique no desenraizamento do homem. Na sua “destemporalização”. Na sua acomodação. No seu ajustamento (FREIRE, 2014b, p. 41-42).

Fica evidente que a vida humana, em consideração à teoria acima apresentada, é constituída de uma luta constante pela humanização e, conseqüentemente, pela liberdade, que se faz ao longo de toda trajetória do sujeito. Mas essa busca de liberdade e humanização é ameaçada constantemente por situações que, em sua essência, perpetuam a desumanização.



De que situações estamos nos referindo? Das que foram estabelecidas e continuam a serem estabelecidas e que perpetuam à dialética opressor/oprimido. Dependendo do lado em que estamos à humanização não se adequa, tanto para o opressor quanto para o oprimido.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Com distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os faz menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (FREIRE, 2014b, p. 39-40).

Com essa afirmação de Freire, ficam claras as consequências da contradição entre opressor e oprimido, que gera esse caráter de desumanização. Ambas as situações, segundo Freire (2014b), instaura o ser menos. Esse conceito – o ser menos, chama-nos para uma reflexão profunda, pois ao longo de todas as ações a procura sempre está em buscar o ser mais, mas nessas ações em que o outro não é visto, a ação do que pensar estar sendo mais se revela em um ser menos, pois ser mais acreditamos ser o momento em que vemos a humanidade de forma plena.

Uma humanidade de forma plena, entendemos que ocorre quando essa concebe novos olhares que estabelecem a diminuição da distância que separa os sujeitos, aqui, de forma especial, os opressores e oprimidos.

Isso, corrobora Freire (2014b), ao propor uma liberdade, momento em que todos assumem suas responsabilidades.

Estamos até este momento apontando a contradição que marca o nosso existir social, opressor e oprimido. Todo ato agressivo de um sujeito em relação ao outro denota um ato de opressão, pois impede que o outro se manifeste e exponha sua opinião.

Diante desse aspecto, de expor uma opinião, vivemos o cerceamento em nos posicionarmos devido a um determinado ódio implantado na sociedade, correndo o risco de uma ideia ser deturpada e, conseqüentemente, gerando mais distanciamento do que aproximação. Há, nessa situação, uma opressão para impor uma ideia que está embebida de ausência de criticidade, de busca de diálogo e repleta de truculência, ou seja, como apontado por Freire (2014b): “Um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra”.



Essa prescrição torna-se visível quando o opressor tende de toda forma arquitetar mecanismos para convencer a massa oprimida de que suas intenções estão envolvidas de plena verdade, para isso utilizando todos os meios para tornar sua posição legítima e convincente. Seria isso a consequência da vitória do candidato à Presidência do Brasil nas últimas eleições?

### **Considerações Finais**

Fizemos um percurso que acreditamos ser o anúncio para uma situação de realidade em que todos possam usufruir de todas as possibilidades de construção de um sujeito emancipado. Um sujeito, que liberto de culpas ou de quaisquer ideologias, possa dizer a palavra verdadeira, ou seja, aquela que ajuda na transformação e organização das relações.

Ao proferir a palavra verdadeira, estará ajudando para a passagem da contradição apontada, pois saberá ver em seu cotidiano as intenções de opressão que está sendo forçado a vivenciar e, portanto, terá meios de combater e ser um ponto de resistência.

Ao ser resistência, favorece juntos com outros pares o grito para a urgência de uma reorganização social, em que a distância entre opressor e oprimido possa ser anulada, pois acredita-se que todos temos direito a todas as oportunidades ofertadas pela vida, como é prescrito em todos os documentos que tratam sobre as relações humanas.

O que fica claro em toda fala sobre as relações humanas é que a grande chamada está sempre para o sujeito ser mais, e não como ocorre tanto no lado do opressor quanto do oprimido. Isso, como apontamos, ocorre devido à falta de humanização que essa contradição favorece.

Assim, sem fechar a discussão em torno da vida e de uma vida plena, em que não há essa contradição entre opressor e oprimido, julgamos ser urgente a luta pela emancipação de ambos os lados, porque um só existe como resultado da outra contradição.

Não queremos punir e nem excluir, pois estaríamos tendo as mesmas atitudes opressoras que combatemos arduamente, mas queremos uma sociedade em que haja uma única conduta. Talvez, em propor essa única conduta, estejamos sendo utópicos, mas é preciso de muito sonho para que a sensibilidade não fique adoecida, e nos tornemos máquinas reguladas.

### **Referências**



ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo.. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.